EDUARDO GALVÃO, VINTE ANOS DEPOIS

ROQUE DE BARROS LARAIA
Professor Emérito
Universidade de Brasília

Desde a publicação de *A Diary in the Strict Sense of Term*, 25 anos após a morte de Bronislaw Malinowski, existe o reconhecimento de que a publicação de um diário, à revelia de seu Autor, pode gerar sérios problemas. A comunidade antropológica, por quase duas décadas, foi o cenário de uma forte polêmica entre uma maioria que era contra a publicação, como Hortense Powdermaker, Lucy Mayr, Phyllis Kaberry, Ian Hogbin ("In my view the volume holds no interest for anyone, be he anthropologist, psychologist, student of biography or merely a gossip"), Edmund Leach e, principalmente, uma grande amiga de Malinowski, Audrey Richard, que o considerou desapontador do ponto de vista etnográfico, e aqueles que, embora ambíguos sobre a oportunidade da publicação, consideraram o diário útil para o conhecimento do antropólogo e da situação de trabalho de campo, como Anthony Forge, George Stocking e Raymond Firth. Este último ocupou a maior parte de sua Introdução à edição de 1988 para justificar o fato de ter feito a Introdução à primeira edição, expressando assim o seu consentimento à publicação. Firth explica que escreveu, a contragosto, a primeira Introdução para atender uma solicitação de Valetta Malinowska, viúva do grande antropólogo, apesar de considerar que a publicação de um diário é uma invasão de privacidade, mesmo que o seu Autor já esteja morto. Mas, no final da segunda Introdução reconhece a utilidade da publicação: "Its is not merely a record of the thinking and feeling of a brilliant, turbulent personality who helped to form social anthropology; it is also a highly significant contribution to the understanding of the position and role of a fieldworker as a conscious participator in a dynamic social situation" (Firth 1988).

Anuário Antropológico/96
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

Mas nenhuma crítica ao *Diário foi mais contundente* do que a de Clifford Geertz, em 1967, que fez uma leitura de Malinowski como "a crabbed, self-preoccupied, hypo-chondriacal narcissist, whose felow-feeling for the people he lived with was limited in the extreme". É verdade que, vinte anos depois, Geertz reviu a sua posição e considerou o diário como um "backstage masterpiece of anthropology" (Geertz 1988).

Talvez, toda esta polêmica deve ter desfilado na cabeça de Marco Antonio Gonçalves quando, honrando o compromisso assumido com Clara Galvão, editou os Diários de Campo de Eduardo Galvão, justamente no ano do vigésimo aniversário da morte do saudoso antropólogo*. Como veremos, a sua decisão foi facilitada pelo fato de que Galvão era dotado de uma personalidade muito menos complicada que a de Malinowski, além de ser dotado de uma extrema solidariedade para com seus informantes, e nunca se sentir um solitário entre os mesmos.

Publicar um diário, no entanto, ainda mais sem a colaboração do autor, é uma tarefa árdua. Em primeiro lugar, porque um diário antropológico, ao contrário de seus similares literários, não é escrito com a intenção de ser lido por outrem. Trata-se muito mais de um recurso mnemônico que permite ao seu autor fazer anotações de forma rápida, quase sempre em situações pouco confortáveis, em cadernos de capa dura, em que a dureza da capa é um artifício para substituir a mesa em que se escreve. Tal característica explica porque Gonçalves considerou a escrita de Galvão muito penosa, difícil de ser transcrita, agravada pelo fato de Galvão ter uma letra muito complicada, mesmo quando escrevia confortavelmente. Enfim, um diário de campo é um texto em que o autor registra as suas observações, as suas impressões, e mesmo as suas primeiras elaborações teóricas, mas que está dirigido principalmente a um único leitor: ele próprio[1]. Em segundo lugar, um diário antropológico contém dados e observações que estão errados e que são corrigidos em páginas posteriores, em função do desenvolvimento da pesquisa. Além disto, o seu texto pode ser também repetitivo e mesmo parecer incoerente. Foram estes fatos que levaram Gonçalves a considerar

---

* GALVÃO, Eduardo. 1996. *Diários de Campo. Entre os Tenetehara, Kaioá e Índios do Xingu*. Organização edição e introdução de Marco Antonio Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Museu do Índio-FUNAI. 397 pp.

1. É verdade que Darcy Ribeiro escreveu os seus diários sobre os Urubu-Kaapor tendo como destinatária a sua esposa, Berta Ribeiro, ela também uma antropóloga.

que "a publicação dos diários, *na íntegra, seria de todo impossível, pois a* leitura tornar-se-ia extremamente fragmentária e redundante". Assim, preferiu editá-lo, alterando a sua ordem cronológica e ordenando o material conforme os temas, "de forma a constituir quase uma monografia sobre cada um dos grupos indígenas". Considerou "quase uma monografia" porque sabe que o etnólogo não utiliza exclusivamente do diário para registrar os seus dados. Existem, também, as fichas, os mapas, os censos, as genealogias, as cadernetas de campo, as gravações, as fotografias, além da complementação de sua memória. Consideramos, entretanto, que esta não foi uma decisão feliz. Em primeiro lugar, porque o que se chama de "quase monografia" é um texto pobre (pelas razões acima apresentadas) que pode dar ao leitor uma leitura equivocada sobre as qualidades etnológicas de Galvão, causando um desapontamento semelhante ao de Audrey Richard. Em segundo lugar, porque trata-se de um diário, e daí a importância de sua ordem cronológica. Se esta fosse mantida, o leitor poderia acompanhar passo a passo o procedimento utilizado por Galvão em sua busca do conhecimento etnográfico. E resta ainda uma questão: será que Galvão gostaria mesmo que o seu diário fosse publicado tal como foi escrito, sem antes escoimar referências que faz a algumas pessoas acompanhadas de uma adjetivação nem sempre lisonjeira?

Mas mesmo assim, acreditamos que valeu a pena a publicação, pois o leitor encontrará em suas linhas e entrelinhas a presença marcante do autor: a sua preocupação com um trabalho etnográfico sério, entremeado pelo seu senso de humor ou de afiada ironia que não o abandona mesmo nos momentos difíceis da pesquisa de campo.

A publicação do diário de Eduardo Galvão é também importante porque, apesar de ter sido o primeiro etnólogo brasileiro a desenvolver uma trajetória acadêmica completa, até mesmo nos moldes modernos; apesar de sua grande contribuição para a etnologia brasileira; apesar de ter sido o estimulador de várias carreiras antropológicas; ele é muito pouco conhecido das novas gerações de antropólogos. A publicação de seus três diários — Tenetehara (1941-1942), Kaioá (1943) e Xingu (1947-1967)[2] — permite

2. Não estão incluidos os diários de Galvão sobre o Alto Rio Negro e sobre os Tapirapé, se é que este último existe. Fragmentos do diário sobre o Rio Negro foram publicados por Adélia Engrácia de Oliveira, do Museu Paraense Emílio Goeldi (Oliveira 1991).

adicionalmente a sistematização de dados que possibilitam um esboço biográfico de Galvão.

Galvão destacava-se pela sua simplicidade, a sua preocupação em não ser pedante, por isto, como mostrou Castro Faria (1977: 347), gostava de ser chamado apenas de Galvão, ele que foi batizado como Eduardo Enéas Gustavo Galvão, herdeiro presumido do título de Barão do Rio Apa — não fosse a república. Título este com o qual o império agraciou o seu antepassado o tenente-coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão, pela sua participação na Guerra do Paraguai e principalmente na retirada da Laguna (Taunay 1952). Nem barão, nem Ph.d, ele que foi o primeiro antropólogo brasileiro a obter este título no exterior, exatamente na Universidade de Columbia, onde teve como colegas de turma Eric Wolf, Sidney Mintz, Vera Rubin, Marvin Harris, Anthony Leeds, Harry Hutchinson, Robert Murphy, Morton Fried, ou seja, uma brilhante geração de antropólogos americanos (*Sá & Sá 1979, apud* a "Introdução" de Gonçalves)[3]. Enfim, para aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo, não há como reconhecer a felicidade da definição elaborada por Castro Faria (1977: 351), que bem resume a sua personalidade: "Eduardo Galvão era dotado dessa qualidade rara que vulgarmente chamam de calor humano".

Com certeza, para os especialistas, a leitura do diário de Galvão pouco acrescenta ao conhecimento etnológico sobre os três grupos indígenas. Este conhecimento já se tornou acessível graças à publicação de seus trabalhos individuais ou publicados juntamente com Charles Wagley. Mas qualquer leitor, antropólogo ou leigo, ficará empolgado com as aventuras e a atilada percepção etnológica desse jovem que, aos 18 anos (1939), viaja junto com Wagley para a então longínqua borda da floresta amazônica, onde viviam, e ainda vivem, os Tapirapé. Lamentavelmente, como dissemos, os relatos dessa viagem não fazem parte do volume editado por Gonçalves. Mas, quando se chega aos Tenetehara, é ainda um jovem de 20 anos que, juntamente com Nelson Teixeira e Rubens Meanda, embarca em um Ita no Rio para ir ao encontro de Charles Wagley, em São Luís, para de lá partirem para a terra dos Tenetehara. É empolgante acompanhar o deslumbramento do jovem

3. O título de sua tese de doutoramento é *The Religon of an Amazon Community: a study in culture change*, publicada em português como *Santos e Visagens. Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955 (coleção Brasiliana, vol. 284).

carioca ao descobrir Salvador, onde, além dos monumentos arquitetônicos visitados, ficaram "agradavelmente impressionados com as *baianas*"; Maceió, de que também gostaram, "porque não tivemos tempo de nos aborrecer"; Recife, onde pela primeira vez viram as "célebres jangadas" e consideraram as pernambucanas bem modeladas de corpo, "se bem que tenham umas carinhas tipo *briguinhas de foice*"; ficaram desapontados com Natal e não fizeram um juízo a respeito de Fortaleza, porque lá passaram o dia de domingo quando tudo estava fechado.

Em São Luís, hospedaram-se no Maranhão Hotel, "o único da cidade que não fica muito perto da rampa de desembarque", hotel este alvoroçado com a chegada do cantor Orlando Silva, que segundo Galvão não teve um grande sucesso: "não gostaram de seu grito afeminado".

A descrição da viagem, a subida dos rios em direção ao alto Pindaré, os pequenos lugarejos, embriões de algumas das cidades maranhenses da atualidade, o contato com a população sertaneja, alguns deles invasores de terras indígenas[4], os primeiros contatos com os índios, constitui uma leitura agradável e útil para aqueles que querem conhecer as dificuldades de um trabalho de campo, no qual não raramente o perigo e a aventura estão presentes. Imaginamos, a terrível experiência do jovem etnólogo que, no seu segundo dia de viagem, perde um membro de sua tripulação nas águas do rio Pindaré! O diário Tenetehara revela um autor mais preocupado em fazer uma melhor descrição dos fatos e, mesmo, expressar as suas emoções do que nos diários xinguanos, principalmente nos mais recentes quando os textos se tornam cada vez mais telegráficos e, com certeza, incompreensíveis para os leitores que não tenham maiores conhecimentos sobre a região e as pessoas mencionadas no texto.

É verdade que, para quem conhece o Xingu e seus habitantes, o texto de Galvão contém ricas informações tendo em vista o fato de sua extensão temporal: 1947, 1950, 1965, 1966 e 1967. É muito interessante, por exemplo, as suas referências ao jovem Kamayurá, denominado Nilo, em 1947 e 1950, o mesmo indivíduo (cujo nome verdadeiro é Takumã) que no início dos anos

4. Ao contrário de Nimuendaju, que andou pela mesma região e que cultivava um desprezo por aqueles a quem chamava de "neo-brasileiros", Galvão se preocupa com os problemas dos sertanejos: "afinal de contas, também têm os seus direitos. É preciso compensá-los, também, do trabalho empregado em seu estabelecimento. Depois, por que permitiram o estabelecimento dessa gente?"

60 se transformou em um grande campeão de huka-huka, em chefe dos Kamayurá e, finalmente, em um grande pajé. Referências análogas existem a respeito do irmão mais jovem de Takumã, Sapaim. Em 1965, Galvão o encontrou de macacão, boné e óculos escuros, depois de ter passado um período como informante do Departamento de Lingüística da UnB, residindo em Brasília, período este que coincidiu com a sua então recente viuvez. Em 1966, Galvão soube que Sapaim estava casado com "um broto Yawalapiti": "mandei chamar e o pequenino apareceu, pelado, pintado, nem lembrando o Sapaim de antigamente". Duas décadas depois, Sapaim ganharia notoriedade nacional quando, já como um respeitado pajé, tentou juntamente com Raoni curar o ornitologista Alberto Ruschi.

Um exemplo de como o texto peca pela sua concisão — que insistimos, é própria dos diários de campo — é o que se refere a antropóloga Heloisa Fénelon: "Heloisa Fénelon era outro caso. Aqui chegou pela FAB, sem mais aquela. Cláudio mandou que aguardasse no Posto pela minha chegada, para a licença. Conversamos e a coisa foi resolvida. Precisamos distribuir circular avisando as várias instituições". O leitor fica sem saber porque Heloisa chegou *sem mais aquela.* O fato é que, em 1964 e 1965, o Parque Nacional do Xingu e a Universidade de Brasília tinham um convênio, segundo o qual esta era a responsável pela coordenação das pesquisas no Xingu. Galvão estranha que Fénelon Costa, antropóloga do Museu Nacional, tenha ido para o Xingu sem solicitar a autorização. E, então, como professor da UnB, ele autoriza a permanência da antropóloga entre os Mehinaku, promete até mesmo emprestar-lhe um pacote de cigarros (Heloisa tinha esquecido os seus), "com o solene propósito de esquecer na hora".

Existe uma diferença entre a publicação dos diários de Galvão e os dois que foram publicados anteriormente. O primeiro deles, *Diário do Xingu*, de Berta G. Ribeiro (1979), dedicado à memória de Noel Nutels e Eduardo Galvão, não é exatamente um diário "no sentido estrito do termo", pois Berta, como ela própria diz, procurou transmitir "um quadro de impressões e reflexões que foram tomando conta de mim no decurso de minha estada em agosto de 1977 no Parque Nacional do Xingu. Atenta a essas pequeninas coisas, fui-as anotando e, de volta ao Rio, reconstituindo, com a preocupação de não deixar apagar da memória qualquer minúcia, por mais insignificante que pudesse parecer". É pois um diário elaborado *a posteriori* e publicado por decisão da Autora. Quanto ao segundo, *Diários Índios*, embora seu

Autor, Darcy Ribeiro (1996), afirme em sua primeira página tratar-se da "edição sem retoques dos meus diários de campo", alude em suas Notas de Agradecimento a "Berta G. Ribeiro, que me inspirou a escrevê-lo em forma de carta para ela e o transcreveu dos manuscritos para um belo texto datilografado"; refere-se também a outras pessoas que o auxiliaram no esforço de edição do diário. Disto se pode deduzir que o diário foi publicado em uma linguagem menos telegráfica e, principalmente, que o Autor autorizou a sua publicação e teve a oportunidade de retirar algum trecho inconveniente[5].

Por tudo que dissemos acima somos levados a temer que os diários de campo não constituam um grande sucesso editorial, que a sua leitura fique restrita àqueles que já conheciam Galvão, pelas mesmas razões que levaram um resenhista anônimo, do *The Times Literary Suplement*, em 26 de outubro de 1967, a considerar o diário de Malinowski "a very boring repetition of banalities". De fato, esta é a impressão que dados não elaborados e fragmentados podem dar para um leitor que não seja verdadeiramente do "métier". Entretanto, compartilhamos da preocupação e do esforço de Marco Antonio Gonçalves em não deixar passar em branco o vigésimo aniversário da morte de Eduardo Galvão. Consideramos que a publicação dos diários é uma oportunidade a mais para reavivar a memória de quem tanto fez pela antropologia brasileira, como pesquisador do Museu Nacional, do Museu do Índio, do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, do qual foi o fundador e o primeiro diretor.

---

5. Adélia E. de Oliveira (1991: 118) escreveu a propósito da publicação do diário de Galvão sobre o Rio Negro: "Muitas vezes conversamos sobre o destino a dar às anotações diárias, feitas durante as pesquisas e ele sempre se mostrou desfavorável à publicação das mesmas porque elas contêm não só dados profissionais, baseados nas observações ou obtidos através de entrevistas, mas também fatos pessoais e, muitas vezes, simples divagações."

BIBLIOGRAFIA

CASTRO FARIA, Luiz de. 1977. Homenagem a Galvão. *Anuário Antropológico/76*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

GEERTZ, Clifford. 1988. *Works and Lives. The Anthropologist as Author*. Stanford: Stanford University Press.

FIRTH, Raymond. 1988. "Introduction". In *A Diary in the Strict Sense of the Term* (Bronislaw Malinowski). Stanford: Stanford University Press.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de (org.). 1991. Impressões e Reflexões de Eduardo Galvão, em Manaus — Notas de Viagem, 1951. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* (Série Antropologia) 7 (2): 117-135.

RIBEIRO. Berta G. 1979. *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RIBEIRO, Darcy. 1996. *Diários Índios. Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras.

SÁ, S. & E. SÁ. 1979. Eduardo Galvão: His Career and His Presence as an Anthropologist in the Brazilian Amazon Area. *The Florida Journal of Anthropology* 4 (2).

TAUNAY, Visconde de. 1952. *A Retirada da Laguna*. 13ª edição. São Paulo: Melhoramentos.